

Impressões de Auschwitz

ARTIGOS DE SUZANA SCHILD E DAVID SOMBERG

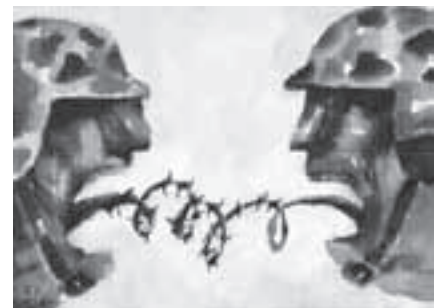
Páginas 3 a 6

E MAIS...

2

EDITORIAL

Pesadelo nuclear



7

**HOMENAGEM /
FANY ZYLBERSZTAJN**

Passarinho
MARCELO MADUREIRA

8

CONTO

Dezoito de
Pereshchepena
SCHOLEM ALEICHEM

10

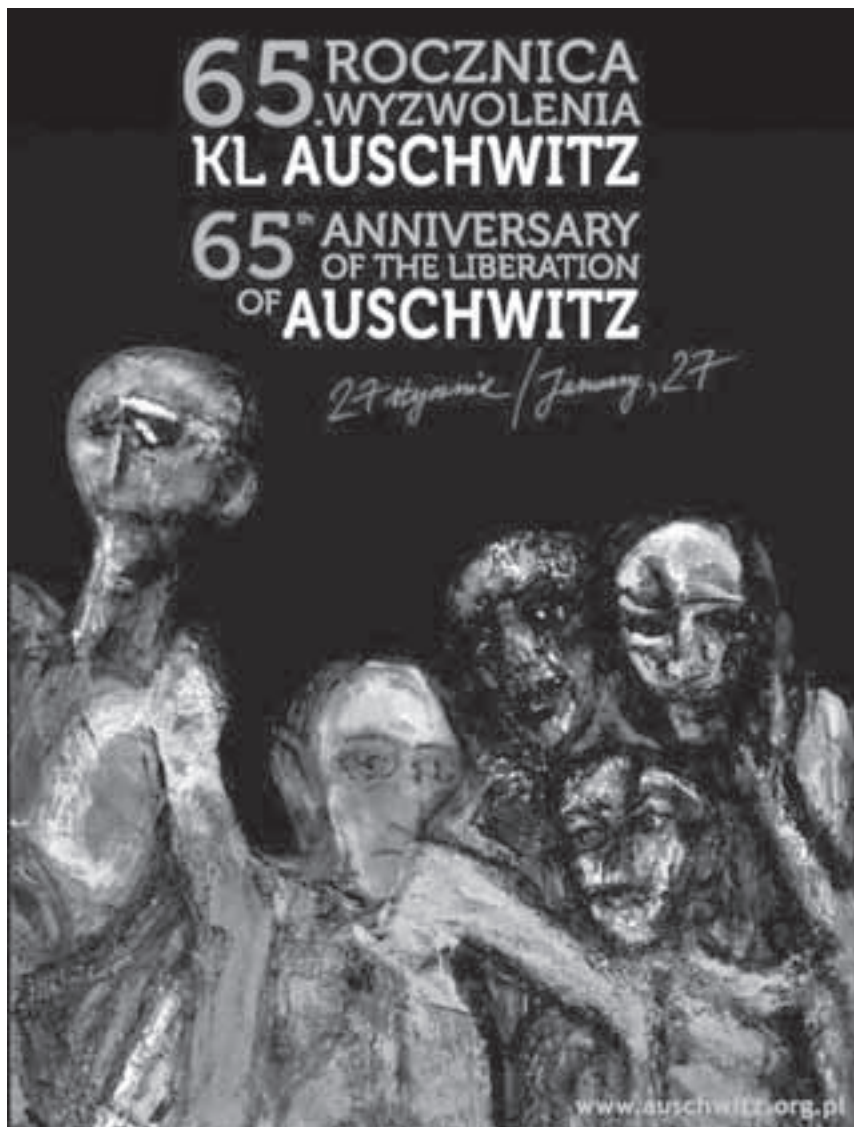
BECO DA MÃE

Bares e hotéis de SP
HENRIQUE VELTMAN

11

CARTAS

NOTAS



EDITORIAL

Pesadelo nuclear

Em maio, faz 65 anos que a Segunda Guerra Mundial terminou na Europa, com a capitulação da Alemanha nazista. Na verdade, como acentuou o historiador francês Pierre Broué, “a Segunda Guerra Mundial não teve seu fim da mesma forma que a Primeira, com uma data de aniversário, e sim com uma sucessão de armistícios e de capitulações das Forças do Eixo, como um lento processo de decomposição”.

Depois da queda de Berlim, as hostilidades continuaram no Pacífico. Desde julho de 1945, havia fortes evidências de que o Japão estava prestes a se render. O país era incansavelmente bombardeado (em apenas uma noite, bombas incendiárias mataram 124 mil habitantes de Tóquio) e submetido a um completo bloqueio naval. No entanto, no que pode ser considerado um dos atos inaugurais da Guerra Fria, os Estados Unidos atacaram, em agosto de 1945, as cidades de Hiroshima e Nagasaki, nos primeiros – e até agora, felizmente, únicos – bombardeios nucleares da História. Sem qualquer interesse estratégico ou militar, as duas cidades foram praticamente varridas do mapa, com centenas de milhares de civis mortos. Militares americanos ameaçaram jogar novas bombas atômicas até a rendição total do Japão. A capitulação nipônica não demorou.

Durante a Guerra Fria, o mundo viveu sob tensão permanente de um conflito nuclear. Hoje, o arsenal atômico está espalhado por oito países, mas o maior poder de destruição continua concentrado nos Estados Unidos e na Rússia. Ambos concordaram, recentemente, em reduzir seus estoques para “apenas” 1.550 ogivas operacionais cada. A Conferência sobre Segurança Nuclear, realizada em Washington no mês de abril, não passou de um espetáculo midiático, montado para pressionar o regime iraniano a desistir de seu programa nuclear. Como a pressão não valeu para países já nuclearizados, o mundo não ficou nem um pouco mais seguro.

Por ocasião do 60º aniversário dos bombardeios sobre Hiroshima e Nagasaki, dissemos que é preciso estancar a cultura militarista. Não basta impedir que novos sócios entrem no exclusivíssimo clube nuclear. A única alternativa decente é a eliminação total dos armamentos atômicos, com fiscalização severa pela comunidade internacional.

A **ASA**, mais do que nunca, reitera esta posição. ■

Associação Scholem Aleichem de Cultura e Recreação

Rua São Clemente, 155 - Botafogo
Rio de Janeiro - RJ - CEP 22.260-001
Tel:(21)2535-1808 Telefax:(21)2539-7740
Home page: www.asa.org.br e-mail: asa@asa.org.br

Presidente Mauro Band

Vice-presidentes Horácio Itkis Schechter e Gitel Bucaresky

Secretárias Tania Mittelman e Rosa Goldfarb

Tesoureiros Moisés Ghersgorn e Fany Haus Martins

Diretores Jacques Gruman, Clara Goldfarb,
Marcos David Somberg, Fanny Cytryn e Esther Kuperman



ASA JUDAÍSMO E PROGRESSISMO é o órgão informativo e de divulgação cultural bimestral da Associação Scholem Aleichem de Cultura e Recreação.

**Home page: www.asa.org.br
e-mail: asa@asa.org.br**

Editora e Jornalista Responsável

Sara Markus Gruman - (Reg. Prof. nº 12.713)

Colaboradores do Boletim: David Somberg, Esther Kuperman, Fany Sechter Ruah, Heliete Vaitsman, Henrique Veltman, Jacques Gruman, Renato Mayer e Tania Mittelman

Foto de capa: Cartaz do 65º aniversário da libertação do campo de extermínio de Auschwitz

Programação Visual: Hama Editora

Impressão: Grafitto

Tiragem: 2.200 exemplares

As matérias assinadas são de responsabilidade exclusiva de seus autores e não representam necessariamente os pontos de vista da Diretoria da ASA. É permitida a reprodução total ou parcial dos artigos desde que citada a fonte.

NA ASA

Coreógrafo Rafael Barreto de Castro



Estes dançam



Regente Claudia Alvarenga

Estes cantam

DANÇA ISRAELI - Toda terça, às 18h30
CÍRCULO DE LEITURA EM PORTUGUÊS -

Quinzenalmente, terças, às 15h30

CORAL DA ASA - Ensaios toda quarta, às 20h

AULAS DE ÍDISH - Toda quinta, das 19 às 20 horas,
com Moisés Garfinkel

Estacionamento no local (pago) Saída S. Clemente da Estação Botafogo (sentido Humaitá)

Auschwitz, 65 anos depois

Susana Schild / Especial para ASA

Fotos Jean Michel Arlin

Quando disse que estava com viagem marcada para a Polônia, uma amiga querida reagiu: “Deus que me livre! Meu pai, antes de morrer, me fez prometer que jamais colocaria os pés no país em que nasceu.” Vários amigos manifestaram reação semelhante: não tinham motivação para conhecer a pátria de três milhões de judeus mortos nas circunstâncias mais inimagináveis.

Se tantos descendentes fazem essa opção, outros, como meu marido, caminham na direção oposta: por esses motivos, desejam conhecer esse lugar. Como filha de judeus alemães, embarquei com sentimentos mais neutros. A minha carga pessoal tinha a Alemanha como alvo preferencial, carga transmitida de viva voz por minha mãe, que, até sua morte, aos 91 anos, em março de 2009, preservou a lucidez, a memória e a dor de uma história compartilhada por milhões. Creio que não houve um só dia, desta longa vida, no qual ela não se referisse aos “alemães” e ao que fizeram, embora não estendesse seu ódio às gerações do pós-guerra. “Elas não têm culpa”, dizia.

A viagem começou por Varsóvia, coberta pela neve, a apenas uma semana do início da primavera. No hotel, folhetos ofereciam tours pela cidade: pontos principais, monumentos, museus, “o bairro judeu”, atrações niveladas sem maiores destaques. Uma capital moderna, cosmopolita, agitada, convive com a cidade antiga, na verdade, reconstruída após 1945 conforme o modelo e desenhos originais. Originais são alguns quarteirões preservados do lúgubre Gueto de Varsóvia, com fotos imensas de seus antigos “moradores” expostas no que sobrou de algumas fachadas calcinadas pela guerra e pelo tempo. Há museus, monumentos, instituições, sinagogas e acervos com vasta documentação sobre a Segunda Guerra, e um centro que atende a pedidos de busca de “desaparecidos”. Sim, 65 anos depois do fim da Guerra, ainda há filhos, netos

e bisnetos em busca de uma informação, um percurso, algum indício de como morreu uma pessoa próxima.

A viagem prosseguiu por Gdansk, cidade deslumbrante por suas construções e portais, que tem entre atrações um vasto comércio de âmbar, rastros de Nicolau Copérnico e um pequeno museu sobre o Sindicato Solidariedade, de Lech Wałęsa, marco político dos anos 1980. Apesar de Varsóvia e Gdansk representarem um inesgotável campo de especulações e indagações entre passado e presente, o impacto maior estava reservado para Cracóvia. Saímos do Rio de Janeiro com a firme intenção de incluir Auschwitz-Birkenau no roteiro da viagem, mas jamais poderíamos imaginar o lugar que essas duas palavras ocupam no rol das “atrações” da cidade.

É ao mesmo tempo chocante e perturbador constatar que conhecer a maior fábrica de mortes da História é iniciativa abertamente estimulada pelo turismo local: cartazes em agências, placas em estações de metrô, recepcionistas de hotéis, distribuidores de folhetos pelas ruas colocam o duplo campo em primeiro lugar e oferecem diferentes modalidades de “visita”: excursões individuais ou em grupo, guias em várias línguas, em programa “solo” ou em conjunto com as minas de sal, outra grande “atração” da região. No centro, são estimuladas também visitas a Kazimierz, o antigo bairro judeu, velhas sinagogas e à fábrica de Oskar Schindler, obrigatória depois do filme de Steven Spielberg de 1993.

Uma viagem de ônibus de 50 minutos conduz a Oswiecim, renomeada Auschwitz pelos nazistas. O impacto frente ao inimaginável começa antes de cruzar o portão com a inscrição em ferro fundido (recentemente roubada, mas já recupera-



Ruína de um prédio no bairro judeu de Varsóvia



A movimentada Rua Florianska (ao fundo, a Catedral de Cracóvia)

da) *Arbeit macht frei*, diante do número de ônibus de turismo no estacionamento – algumas dezenas – e com a afluência de visitantes, uma ampla maioria de jovens. Tanta gente? Por quê?

Cada um atravessa como pode (ou suporta) uma área descomunal, acessada por várias redes de trilhos intactas, barracas preservadas, paredões de fuzilamento ou enforcamento coletivo, destroços de fornos crematórios, além de inúmeros outros “departamentos” dos campos. Há várias

Fotos Jean Michel Arlin



Prédio no bairro judeu de Kazimierz, Cracóvia



Praça principal da Cidade Velha de Varsóvia, totalmente reconstruída

formas e opções de se penetrar naquele universo, hoje denominado Museu Estatal Auschwitz-Birkenau: a visita mais curta e que inclui Birkenau tem a duração de três horas. Ao longo do percurso, o visitante é apresentado à ampla documentação e formas de registro das condições de vida e morte dos que pereceram, assim como aos métodos de algozes e mentores que escolheram Auschwitz para dar início aos assassinatos em massa em câmara de gás em setembro de 1941. Pilhas de latas do gás Zyklon B permanecem expostas em vitrines, ao lado de montes de óculos, próteses, escovas de dentes, roupas de crianças e bebês, malas com endereços e cabelos, centenas de quilos de cabelos cortados, sobretudo das mulheres. E uma vasta galeria de fotos

com os prisioneiros de frente e de perfil, um número registrado no uniforme listrado. A viagem ao horror termina com uma parada no Monumento Internacional em Memória das Vítimas do Fascismo.

Tivemos o privilégio de contar com uma jovem guia, que enriquecia com particular emoção a narração de dados e fatos, buscando ressaltar “o indivíduo” camuflado por recordes, números e estatísticas. Uma contabilidade macabra que, embora conhecida, adquire um outro peso *in loco*. Foi ali – não foi “lá” – que tudo aconteceu. A eliminação da distância entre o conhecimento do fato e os fatos também elimina barreiras de tempo, e o passado se impõe implacável sobre o solo em que morreram um milhão de judeus de várias nacionalidades, além 100 mil não judeus, entre poloneses, ciganos e prisioneiros soviéticos.

Uma casa aparentemente comum, a apenas alguns metros do campo, adquire uma conotação assustadora. Foi naquela casa que viveu o comandante em chefe Rudolf Hess com a mulher e os cinco filhos. E era para aquela casa e para o convívio familiar que ele retornava todas as tardes, de 1940 a 1943, depois de mais um dia de trabalho. “Aparentemente, era um homem normal – e isso é o mais assustador”, enfatizou a jovem guia. A alguns metros da casa, um marco assinalava o local em que Rudolf Hess foi enforcado, em 1947, após o Julgamento de Nuremberg.

Durante o percurso, dividi com nossa guia a minha surpresa quanto à afluência de visitantes, sobretudo jovens. Ela explicou que, nas escolas, países como Inglaterra e Noruega estimulam programas contra a intolerância os quais incluem a visita aos dois campos. Dividi também a perplexidade de ver visitas a Auschwitz-Birkenau como a mais importante “atração turística” da região. Ela sacudiu a cabeça e ponderou: “Não há forma fácil de lidar com o que existiu. Qualquer palavra relativa a Auschwitz-Birkenau deve ser pesada e pode ter mil significados.”

Ao lado do meu marido, filho de uma judia polonesa, ousei enveredar pelo presente e pelo passado de um país que aparentemente continua a reescrever aquilo que cada nação tem de mais particular: a sua própria História. Como lidar com o passado? Como lidar com atrocidades que ocorreram, não faz tanto tempo – ou será que já faz tanto tempo? Em museus, essa História parece estar sendo revista e reescrita, com ênfase em alguns aspectos: a devastação do país pelas forças alemãs, a coragem dos poloneses que defenderam judeus e pagaram com a própria vida, o heroísmo dos poloneses que se rebelaram contra o jugo alemão no trágico levante de Varsóvia. Ironicamente, a derrota alemã não representou a libertação da Polônia, mas a consequente submissão a Stalin e à União Soviética. No Museu da Resistência, em Varsóvia, estão ligados dois tipos de heróis: os poloneses judeus e os não judeus que se rebelaram primeiro contra os alemães e depois contra Stalin, inimigos do mesmo quilate. Uma história pode ter terminado em 1945, a outra, em 1989, mas deixaram teias que se entrelaçam com o presente e com o futuro que acontece todos os dias.

Ao retornar, falei com a amiga que prometera nunca pisar na terra em que o pai nasceu sobre a visita a Auschwitz-Birkenau. Ao “Deus que me livre” inicial ela acrescentou uma justificativa: “Só quero ver coisas belas.” Um direito legítimo, incontestável. No entanto, para as pessoas mais permeáveis, conhecer a Polônia pode ser um valioso estímulo não para encontrar respostas, mas novas perguntas, com potencial de gerar outras e outras e baixa margem de respostas. A visibilidade dos dois campos de extermínio transformados em Museu talvez indique que o país, se não encontrou respostas para as atrocidades do passado, não o esconde. Ao contrário, deseja compartilhá-lo. A resposta é vigorosa. Mais de um milhão de pessoas por ano, provenientes de todas as partes do mundo, cruzam os portões de Auschwitz-Birkenau. A pergunta persiste: por quê? Uma resposta possível: talvez porque não possam evitar. ■

Suzana Schild é jornalista, roteirista e crítica de cinema.

A libertação de Auschwitz

David Somberg / Especial para ASA

No final do ano passado, finalmente, consegui juntar milhas suficientes para viajar para a Polônia. Meu pai, polonês, nunca demonstrara muito interesse em visitar a terra de onde saiu com sete anos, ainda antes da guerra. Já eu sempre alimentei a curiosidade de conhecer o país que, tendo existido e deixado de existir em várias fronteiras diferentes ao longo do tempo, ainda se debate na dúvida de quem realmente é e de quais dos seus são realmente seus. Marquei minha ida para coincidir com as homenagens aos 65 anos da libertação de Auschwitz. De lá partiria ainda sem um roteiro muito bem estabelecido, para retornar 20 dias depois. Alguns lugares seriam obrigatórios, como Cracóvia, primeira capital imperial da Polônia e berço do propalado “revival” judaico polonês, Ostrowiec, de onde saiu meu pai em 1932, Lublin, capital intelectual do judaísmo polonês e onde está Majdanek, o campo de concentração mais preservado da Europa, e, é claro, Varsóvia, cidade do maior levante armado judeu da guerra, cidade da revolta de 1944, destruída e reconstruída num curtíssimo espaço de tempo. E o resto seria como aquela história do poeta espanhol, hino informal de todos os mochileiros do mundo, do caminhante fazer o caminho ao caminhar.

Cheguei então a Katowice na madrugada de 26 para 27 de janeiro. No dia seguinte iria a Brzezinka, onde fica o campo de Birkenau. O que ficou conhecido como Auschwitz na verdade é um complexo de campos, sendo os mais importantes os dois maiores (Auschwitz e Birkenau), localizados em municípios vizinhos. Na cidade de Oswiecim, que, após a invasão nazista, foi germanizada e recebeu o nome de Auschwitz, ficava o campo de concentração destinado originalmente a receber prisioneiros de guerra e posteriormente civis poloneses, em sua grande maioria judeus. A três quilômetros, na cidade de Brzezinka, foi construído o campo de Birkenau (o nome



Grupo de jovens poloneses com uma coroa em homenagem às vítimas

da Brzezinka germanizada) inicialmente também para prisioneiros de guerra, mas posteriormente convertido em campo para extermínio quase que exclusivo de judeus da Polônia e do restante da Europa ocupada. Estima-se que 90% de mais de 1 milhão e meio de pessoas assassinadas em Birkenau (também conhecido como Auschwitz II) fossem judeus.

Foi em Birkenau que assisti às homenagens pelos 65 anos de libertação do campo pelo Exército Vermelho. A maioria dos campos de concentração e extermínio nazistas foi destruída na retirada ante o avanço das tropas soviéticas. No complexo Auschwitz-Birkenau alguns prédios sobreviveram, mas não os cinco crematórios/câmaras de gás. Quatro deles foram desmantelados e explodidos pelos próprios nazistas, mas merece destaque o destino do Crematório IV. Ao contrário do que infelizmente pensa uma considerável parcela de pessoas, houve resistência judaica armada em diversos momentos da Segunda Guerra. No caso dos campos de extermínio, as dificuldades de organização são mais do que evidentes, e, no entanto, alguns episódios heroicos ocorreram e devem ser lembrados. Em algum momento entre 1943 e 1944, mulheres judias



Uma flor no interior de um dos barracões

escravizadas na fábrica de armamentos Union-Werke, que explorava prisioneiras do campo para a produção de cápsulas de artilharia, começaram a contrabandear pólvora embaixo das unhas. No dia 07 de outubro de 1944, numa ação concatenada, um grupo de judeus conseguiu atear fogo ao prédio do Crematório IV, enquanto outro grupo atacava os SS em torno do prédio e um terceiro rompia a cerca de contenção do campo, possibilitando a fuga de outros tantos. Todos foram perseguidos e mortos. No total, cerca de 250 judeus morreram lutando, mas a ação causou sérias avarias ao prédio, que teve de ser desativado. Os partisans conseguiram também matar três SS e ferir cerca de dez. Este e os outros quatro crematórios foram abandonados em ruínas pelos nazistas em fuga. A intenção era apagar os vestígios de

Foto David Somberg



Placa indica a entrada do Museu

seus crimes. Após a libertação e a fundação do Museu Estatal Auschwitz-Birkenau, em 14 de junho de 1947, e depois de muita polêmica em torno de manter o local tal como fora encontrado, reconstruir, ou demolir uma parte, venceu a primeira proposta. Um monumento erguido na área próxima às câmaras de gás em ruínas foi o palco da parte final das homenagens aos 65 anos da libertação.

A parte oficial da cerimônia destinada aos convidados credenciados realizou-se numa tenda aquecida feita para a ocasião. Nós, sem credencial, pudemos assistir aos discursos na área do Crematório II, à esquerda do Monumento. Não é muito confortável ficar horas de pé na neve com a temperatura em torno de quinze graus negativos e a sensação térmica caindo à medida em que o tempo passa, mas permanecemos lá eu e mais umas duzentas pessoas, muitas delas crianças. Havia um grupo de crianças italianas (inclusive uma menina com um véu muçulmano), um grupo acompanhando sobreviventes franceses, um grupo de jovens alemães representando a Juventude do Partido Liberal, um grupo americano do Tikun Olam, mas, brasileiro, acredito que eu fosse o único. Algumas pessoas levavam flores, coroas, faixas, entre outras formas de homenagem.

Na parte oficial, as homenagens começaram cedo pela manhã com a colocação de velas e flores em memória das vítimas e dos soldados soviéticos mortos na batalha de libertação no Muro da Morte, no bloco 11 de Auschwitz, no monumento

ao extermínio dos ciganos em Auschwitz II-Birkenau, no monumento às vítimas de Auschwitz III-Monowitz, na sepultura com os restos dos soldados soviéticos mortos na libertação de Oswiecim, no cemitério local e na sepultura coletiva dos cerca de 700 prisioneiros que morreram nos dias finais do campo. Após estas homenagens, foi rezada uma missa na Igreja da Misericórdia Divina de Oswiecim com cerca de 300 pessoas, inclusive vários sobreviventes.

Mais tarde, a ministra da Educação Nacional da Polônia, Katarzyna Hall, abriu uma conferência com ministros da Educação de mais de trinta países, e o ministro da Educação e Ciência da Rússia abriu uma exposição temporária no bloco 14 sobre a libertação do campo pelo Exército Vermelho.

A cerimônia principal foi conduzida pelo sobrevivente senhor August Kowalczyk e acompanhada por cerca de 150 sobreviventes vestidos com uniformes do campo. Participaram também o presidente da Polônia, Lech Kaczyński, o primeiro-ministro de Israel, Biniamin Netaniahu, e delegações oficiais de mais de quarenta países. Vale destacar na delegação israelense a presença do deputado árabe Mohamed Barakeh, dirigente do partido Hadash. A inclusão de Barakeh, o político árabe-israelense mais importante a ter visitado Auschwitz, foi criticada tanto por deputados de direita quanto por personalidades e políticos árabe-israelenses. Os primeiros diziam temer que Barakeh utilizasse a visita para atacar Israel, comparando a ocupação de territórios palestinos ao nazismo, e os

segundos, que a participação dele numa delegação da Knesset fosse um aval para as políticas do atual governo (vale lembrar que algumas pesquisas dão conta de que uma parcela significativa da população árabe-israelense acha que o Holocausto não existiu). A ambos Barakeh respondeu, em entrevista à Rádio do Exército: “Eu não entendo a crítica. Tenho lutado contra o racismo toda a minha vida. O Holocausto é o drama mais trágico da História moderna. Para mim, o direito do povo judeu à auto-determinação não nasceu do Holocausto, e o que ocorreu com os árabes em 1948 também não deve ser ligado a ele.”

Após os discursos, as delegações saíram da tenda e acenderam velas no monumento central do campo, onde, em homenagem às vítimas, rabinos e clérigos cristãos leram juntos o Salmo 42.

Voltei a Katowice, de onde parti no dia seguinte para Cracóvia para tentar entender o que significa de fato o propalado renascimento do judaísmo polonês, mas isso é tema para um próximo texto.

Do widzenia!



Durante os vinte dias que passei na Polônia, conversei com várias pessoas de instituições interessadas em receber documentos, fotos, cópias ou relatos relacionados à vida dos judeus poloneses antes da guerra – pesquisadores como a senhora Alicja Wójcik, do Museu Auschwitz-Birkenau, o professor Waldemar Brociek, do Museu Municipal de Ostrowiec, a doutora Luba Matraszek e seu filho Pawel, que mantêm a pequena exposição no Beit Hamidrash de Lublin, a senhora Anna Przybyszewska-Drozd, do Instituto Histórico Judaico de Varsóvia, entre outros. Se algum dos leitores possuir material que possa ser do interesse destas instituições, por favor entre em contato com a ASA (asa@asa.org.br) ou diretamente comigo (somberg@gmail.com). Reconstruir a História recente da Polônia também é consolidar a derrota dos nossos inimigos. ■

David Somberg, médico, é diretor da ASA e colaborador deste Boletim.

Passarinho

Marcelo Madureira / Especial para ASA

Fany, Feigl, Fêiguele, Passarinho. Dona Fêiguele, na Colônia de Férias Kinderland, pulando corda na frente do refeitório. Nada de mais, não tivesse a pequenina Fêiguele mais de 70 anos. Ali, no meio da garotada, dona Fany era a própria juventude. Energética, animada, atuante e tolerante. Me lembro de nossas conversas ao cair da tarde, antes do jantar. Nossos assuntos: Cultura Judaica, Política, Literatura, Teatro, os contos de I. L. Peretz e Scholem Aleichem, História... Não seria nada de mais, não tivesse Fany mal completado o ginásio na distante Lodz, Polônia.

E lá estava dona Fêiguele, avó de meus amigos David e José Leon, que se tornaram meus irmãos de toda a vida, percorrendo cada canto da colônia. Fêiguele conhecia cada uma das crianças, seus pais, mães e avós. Na hora do lanche, organizando a fila, era capaz de contar a história de cada família de cada colonista. E aí de quem ousasse furar a fila ou pegar mais de um doce!

Sempre mordaz, usava a sua verve judaica para, a cada bar-mitsvá, apresentar o menino com um guarda-chuva. Mas por que não um bom livro?, alguém perguntava. Porque o guarda-chuva eu tenho certeza de que um dia ele vai abrir, respondia. Incansável, era capaz de passar horas ao telefone arrecadando doações para a Kinderland. Num tempo em que ser ator ou atriz era quase um estigma, Fêiguele ajudava nos ensaios, acompanhava



Reprodução

E aí de quem ousasse pegar mais de um doce!

as estreias e ainda fazia biscoitinhos de nata para o elenco.

Não posso falar de Fêiguele sem lembrar com enorme carinho suas companheiras da AFIB (Associação Feminina Israelita Brasileira). Lá vão algumas: Hajka Lustig, Carlota Lachtermacher, Berta Fefferman, Lita, Ita Acselrad... eu sei, eu sei... cometi a irreparável injustiça de algum esquecimento. Mas que alegria rever a dona Martha Kaplan outro dia no Midrash. Foi uma coisa assim de cartão de crédito, não tem preço. Essas mulheres fantásticas que para cá vieram com suas ideias, suas con-

vicções, seu ativismo, com tão pouco ou quase nada, e nos deram tanto. Nos deram princípios, meios e fins. Tudo isso com modéstia, muita simplicidade e toda a generosidade do Mundo. Naqueles tempos em que o Brasil vivia uma ditadura, a Colônia Kinderland e as corajosas Senhoras da AFIB nos proporcionavam um oásis de Democracia e Liberdade. Eu, então um jovem comunista, idealista e desgarrado, por elas fui acolhido, e, tal e qual um neto torto, minhas molecagens e estrepolias eram toleradas com imensa paciência e bom humor.

Estas mulheres que hoje não são nome de rua, nem de avenida, nem de praça, são o tesouro de nossa memória. Mulheres de fibra que, sem alternativa, abandonaram seus países e, na continuação da diáspora, procuraram construir aqui no Brasil aquilo que não era mais possível nos shtetls e nos guetos da Europa Oriental. Para isso é preciso coragem, coragem para recomeçar, obstinação para continuar e esperança para se conquistar.

Fany, Feigl, Fêiguele Zylbersztajn também não virou nome de rua, nem de praça ou avenida. Fêiguele virou árvore. Árvore frondosa, de generosa sombra, onde, com saudade, pingo o ponto final deste artigo. ■

Marcelo Madureira, humorista, é um dos cassetas.

MARTINS ASSOCIADOS -Advocacia Trabalhista e Societária

Rua Senador Dantas, 20 Gr. 1509 - Centro - Telefone: 2240-9808

Rosana Yentas - Psicoterapia / Orientação Profissional

Consultórios: Botafogo e Tijuca - Cel.: 9956-5466

Helena Kaplan - Psicoterapia e Psiquiatria

Consultório: Rua Barata Ribeiro, 383 / 405 - Copacabana - Telefone: 2255-7491

Mauro Acselrad - Psiquiatria Clínica

Rua Joana Angélica, 217 - Ipanema
Telefones: 2522-1794/ 2523-3852 - E-mail: acsel@globo.com

Anna e Heloisa Araujo Eventos
Cerimonial e Logística - Bufê próprio

Telefones: 2553-7013/2552-6929/8829-6929 - E-mail: heloisa.ams@oi.com.br

Dezoito de Pereshchepena

Scholem Aleichem *

— Não diga nada, eu vou te contar uma melhor ainda. Tem um sujeito lá na nossa cidade, chamado Finkelstein, um judeu rico, mas realmente sobrecarregado por dois filhos. Se eu tivesse o dinheiro dele, acharia graça do negócio todo. Você sabe quanto isto custa a ele? Eu queria que nós dois valêssemos a metade...

— Pois é, eu falei há um ano: espera só para ver como não demora muito e metade dos judeus da Rússia estarão convertidos.

— Eu estou de pleno acordo. Nós tínhamos lá um moço chamado Marchak, que moveu céus e terra. Na verdade, não adiantou nada e, no fim, ele acabou tomando veneno.

— Eu também lamento dizer, mas muito breve você verá o dia em que não terá sobrado um judeu na Rússia. Como é que alguém espera que a gente sobreviva a tantos problemas, tantas limitações, tanta discriminação? Cada dia, cada bendito dia, aparece um novo regulamento contra nós. Já deve existir até um regulamento para cada judeu. Estou lhe dizendo, logo, logo, eles vão dar um jeito de liquidar todo mundo. Olha só Shpole, por exemplo. Você diria que ainda há alguns judeus na cidade, não é?

— Por que não Nemirov? Eu recebi uma carta de lá, faz pouco tempo, com as notícias mais deprimentes.

— E você acha que as coisas estão melhores em Lubin?

— Por que, o que é que houve em Lubin?

— Ou em Anaiev, por exemplo. Lá costumavam entrar pelo menos três judeus de Anaiev todo ano.

— Quem quer saber de Anaiev? Olha só para Tomashpol. Em Tomashpol, ouvi dizer, não entrou um só judeu este ano, nem pagando.

— Não entrou? Pois na nossa cidade foram dezoito.

Esta última observação veio de cima. Meus dois judeus entortaram os pescoços para trás para olhar o leito de cima do beliche. Dali balançava um par de galochas de borracha. Os pés dentro delas pertenciam a um homem de cabelos desgrenhados e uma cara inchada depois do sono. Meus dois judeus olharam para ele devorando-o com os olhos, como se ele fosse um marciano. Ambos se sentaram melhor, como se a vida ganhasse novo interesse, e perguntaram ao sujeito de cima:

— Você está dizendo que entraram dezoito judeus da sua cidade?

— É isso mesmo.

— Onde? Onde?

Os pés dentro das galochas pertenciam a um homem de cabelos desgrenhados e uma cara inchada depois do sono.

— Lá de onde eu venho, em Pereshchepena de Baixo. Dezoito, todos judeus, e meu próprio filho também.

— Seu próprio filho também?

— Que Pereshchepena é essa? Onde é, exatamente?

Os dois judeus de baixo ficaram de pé, olhando um para o outro e para o judeu de galochas, que os olhava de cima, amistosamente.

— Nunca ouviram falar de Pereshchepena de Baixo? Pois eu garanto a vocês que ela existe. Vocês realmente nunca ouviram falar? Existem até duas Pereshchepenas: Pereshchepena de Cima e Pereshchepena de Baixo. Eu sou de Pereshchepena de Baixo.

— Prazer em conhecê-lo. Por que você

não desce? Pra que ficar aí no céu sozinho?

O dono das galochas de borracha pulou para baixo. Os outros dois se ajoelharam na cama para dar espaço para ele e imediatamente o atacaram com perguntas.

— Honestamente, eles ficaram mesmo com seu filho?

— É isso mesmo.

— Mas, conta aí, meu velho, como é que você arranjou isso? Deve ter te custado muitos centavos.

— Espere aí, do que é que você está falando? Não se pode nem falar em dinheiro com eles. Houve tempo, é verdade, em que eles podiam ser comprados. E como podiam! Os judeus vinham correndo de todos os lugares, naquele tempo. Todo mundo sabia que Pereshchepena era o lugar certo para aquilo. Mas, nos últimos anos, desde que alguém... bem, quando eu não precisava que isto acontecesse, eles não aceitam um tostão.

— Então, como é que você explica isso? Alguém deve ter mexido os pauzinhos.

— Que pauzinhos? Eles simplesmente resolvem levar cada último judeu. Automaticamente, e está acabado.

— Você deve estar brincando. Você faz ideia do que está dizendo? Está querendo nos passar a perna?

— Passar a perna? Eu tenho lá cara de quem faz isso?

Os três se olhavam fixamente como se tentando ler pensamentos. Como não havia nada escrito para ler, os dois judeus retomaram o interrogatório.

— Só um instante, agora. De onde mesmo você disse que é?

— De Pereshchepena!! (O judeu de cima estava começando a ficar chateado.) Eu já disse três vezes: de Pereshchepena de Baixo.

— Não precisa se ofender. Nós apenas nunca tínhamos ouvido falar da sua cidade.

– Há, há! Pereshchepena, uma cidade? Pereshchepena mal chega a ser uma vila. Na verdade, é apenas uma aldeia.

– E você diz que, de um lugar como esse, eles levaram... dessa Peresh... o quê? Como é mesmo o nome?

Agora o judeu de Pereshchepena de Baixo já estava propriamente atacado.

– Eu nunca vi judeu tão burro na minha vida. Será que é tão difícil pronunciar uma palavra ídich? PERESHCHEPENA! PERESHCHEPENA!

– Tudo bem, tudo bem. Pereshchepena é Pereshchepena. Não vale a pena perder as estribeiras por causa disto.

– Quem é que está perdendo as estribeiras aqui? Eu só não quero ter que repetir 99 vezes.

– Não se ofenda, nós temos exata-

**Tudo bem, tudo bem.
Pereshchepena é
Pereshchepena... Não vale
a pena perder as estribeiras
por causa disto.**

mente o mesmo problema. Quando você disse que levaram dezoito da sua cidade, não deu para acreditar. Por isso ficamos repetindo a mesma pergunta. A verdade é que nós nunca teríamos imaginado que em Pere... Pechere... um lugar como o seu tivesse até ginásio.

O judeu de Pereshchepena lançou-lhes um olhar irritado.

– Quem é que falou de ginásio em Pereshchepena?

Os dois, por sua vez, olhavam para ele com os olhos esbugalhados.

– Mas você não contou agora mesmo que seu próprio filho foi aceito lá como estudante?

– Que estudante? Soldado! Ele foi levado pelo exército para o serviço militar! Um soldado, estudante coisa nenhuma, estão me entendendo?

Já era dia claro lá fora. Uma luz cinzento-azulada penetrava pela janela do trem. Os passageiros estavam acordando lentamente, esticando as pernas e arrumando os pacotes para baldeação. Meus três judeus interromperam sua breve amizade. Um se retirou para um canto e acendeu o cigarro. O segundo abriu um pequeno livro de reza e se sentou num banco em frente, lendo com um olho aberto e o outro fechado. O terceiro, o judeu de Pereshchepena de Baixo, já estava comendo alguma coisa.

Era curioso ver como os três haviam se tornado totalmente estranhos. Não só tinham parado de conversar, como nem se olhavam mais, como se tivessem feito algo vergonhoso, que jamais poderia ser esquecido ou perdoado. ■

Traduzido por Carlos Acselrad para a comemoração do 150º aniversário de nascimento de Scholem Aleichem, no dia 29 de novembro de 2009, na ASA.

Domingos, sempre às 17 horas, entrada franca
Maio no telão

☐ Dia 16 - DOCUMENTÁRIO CIDADÃO BOILESEN, DE CHAIM LITEWSKI
A partir da biografia de Hening Boilesen, ex-presidente da Ultragás, desenvolve um relato de como parte do empresariado brasileiro financiou a Operação Bandeirantes (Oban), principal órgão de repressão da ditadura militar. Ganhou os prêmios de Melhor Filme no festival É Tudo Verdade (2009), Melhor Documentário do Cinesul (2009), Melhor Direção no RECINE (2009) e Hors Concours no Festival do Rio (2009).

☐ Dia 23 - FILME CLIPS – Baseado numa história real, narra o envolvimento dos alunos de uma escola numa pequena cidade norte-americana com um trabalho sobre o Holocausto. No curso das pesquisas, toda a comunidade acaba se envolvendo com o tema.

☐ Dia 30 - FILME DEUS NO TRIBUNAL – Produzido pelo canal público norte-americano PBS, mostra o julgamento de Deus por um grupo de prisioneiros judeus em Auschwitz. Levantam-se questões incandescentes. Entre elas: como o Povo Eleito, com o qual Deus teria firmado um Pacto, pôde ser vítima de uma das maiores atrocidades da História? É necessário purificar-se pelo sofrimento para se chegar à redenção?

**ber
vel**
Bervel
empreendimentos

Administração de condomínios
Locação de imóveis
Assessoria imobiliária

Centro: 2212-6100
Fax: 2212-6101
Barra: 3321-5871 / 3325-4241
Fax: 3325-1555
www.bervel.com.br • bervel@bervel.com.br

Bares e hotéis de SP

Henrique Veltman/ Especial para ASA

Uma das coisas interessantes da internet é justamente o princípio da serendipity. Eu vou pesquisar um assunto, tropeço em outros, tão ou mais interessantes. É o que me aconteceu, recentemente, quando fui procurar antigas receitas culinárias do Brasil do fim do século 19 aos anos 1920. Encontrei as receitas, graças especialmente ao Luís da Câmara Cascudo. Mas encontrei, melhor ainda, referências interessantes sobre a presença judaica na São Paulo de antigamente, justamente na área de hotéis, bares e similares.

Encontrei os nomes de Adolpho Dusser, Jacob Fredrich, Henrique Schonburg, José Fischer e Adolpho Nagel. Todos de origem judaica, austro-húngaros (na época). Seria interessante pesquisar nos registros dos cemitérios da cidade para descobrir se eles foram sepultados em um dos que existiam na época: Consolação e Araçá.

Mas a primeira constatação da pesquisa é que, até a primeira metade do século 19, a pobre vila de São Paulo não oferecia grande variedade para a alimentação do forasteiro. Apenas mandioca, milho e carne de porco.

As ruas 15 de Novembro, Direita e São Bento formam o chamado Triângulo. Ali, em 1854, o Hotel Paulistano, de Adolpho Dusser, anunciava a contratação de um cozinheiro francês e seus quitutes a preço fixo.

Nessa época havia cinco hotéis em São Paulo: o Recreio Paulistano, na Rua da Imperatriz, o Paulistano, na Rua de São Bento, o Universal, no Largo do Colégio, o Comércio, também no Largo do Colégio, e o da Providência, na Rua do Comércio.

Alguns anos depois, foi construído o Grande Hotel. Ficava em um terreno que ia da Rua de São Bento até a Rua de São José (hoje Líbero Badaró). Foi o primeiro prédio construído expressamente para hotel. No vestibulo, candelabros a gás e escadaria de mármore branco. Um luxo.

Na década de 1880, o Grande Hotel hospedou personalidades como o prínci-

pe Henrique, da Prússia, a nossa princesa Isabel e a atriz Sarah Bernhardt.

Além das funções básicas de hospedagem e refeições, esses primeiros hotéis se tornaram importantes pontos para a realização da vida social, com instalações refinadas e inovações gastronômicas.

José Fischer, no Sereia Paulista, atraía seus fregueses, especialmente os estudantes da Faculdade de Direito da São Francisco, com o seu bife Leipzig, servido com batatas cozidas, na verdade uma prévia do wiener schnitzel de hoje em dia.

Na primeira década do século 20, outros hotéis foram surgindo. O Grande Hotel e o Sportsman eram considerados os melhores. Na região da Estação da Luz surgiam outras e interessantes opções, numa conjugação perfeita entre oferta e procura.

Foram os judeus da Europa Central que introduziram as cervejarias e as choperias nos hábitos paulistanos.

A São Paulo da gastronomia começou a ser delineada no final do século 19. Mas foi somente a partir de 1870 que os restaurantes passaram a se integrar ao cotidiano da cidade, sendo implantados por imigrantes do norte e do leste europeu, que aqui eram genericamente denominados “alemães”.

A boemia paulistana daquela época se encontrava na Rua Direita, no Zur Stadt Coblenz, uma homenagem à cidade alemã conhecida por suas tavernas e vinhos espumantes e secos. Pertencia ao judeu austríaco Jacob Friedrich, que comprou e transformou uma antiga confeitaria, a de Gaspard Leonard. Também na Rua do Ouvidor, outro judeu alemão, Henrique Schonburg, mantinha uma cervejaria,

O Corvo, misturando comida, bebida e literatura.

Falei ali atrás de José Fischer, mas ele merece mais do que uma simples menção. Com sua casa de banhos Sereia Paulista, entre 1861 e 1890, manteve um restaurante anexo e janelas para o Largo de São Bento, mais precisamente para a igreja.

O Sereia Paulista introduziu em São Paulo novos hábitos, como os banhos fora de casa e o restaurante onde se podia comer um bife a cavalo amaciado com leite de folhas de mamoeiro ou ainda a cozinha fria, tudo regado a vinho ou cerveja. Claro, era só para homens.

(Cozinha fria de ótima qualidade, aí na Cidade Maravilhosa, era a do restaurante Rio Hamburgo, na Avenida Rio Branco. Não sei se ainda existe.)

O crescimento econômico de São Paulo fez a cidade crescer fora do Triângulo, para além do Anhangabaú. Surgiam os terraços e salas com vistas panorâmicas. Era a cidade que se abria para a vida moderna.

Foram os judeus da Europa Central que introduziram as cervejarias e as choperias nos hábitos paulistanos. Tudo começou a partir de 1878. Surgiram as Stad Bern, com boliche e música ao ar livre, sob caramanchões. Como a do Parque Antarctica, na Água Branca.

Em 1890, o Café Terraço Paulista, do Largo de São Bento, atraía a clientela com “caixeiras amáveis”, seja lá o que isso poderia significar...

Por volta de 1869, a cidade tinha quatro confeitarias: a de Jacó Loskiel e Pereira Jr., na Rua do Comércio (hoje Álvares Penteado); a de Gaspar Leonard, na Rua Direita; e uma pertencente a um certo senhor Rodovalho, na Rua do Imperador (hoje Praça da Sé). Outras confeitarias vieram mais tarde: destaque para a Imperial Confeitaria Nagel, do judeu alemão Adolfo Nagel. Mas foi um brasileiro, João Pereira da Rocha, que fundou, em 1880, a Confeitaria Pauliceia, na Rua de São Bento, o grande sucesso da época, onde se reunia

a elite após os espetáculos de ópera no Teatro São José e no Municipal.

Mas não se imagine que os imigrantes judeus eram os únicos donos do pedaço. Na verdade, o primeiro grupo a atender ao público foi o dos italianos. Eles dominaram o mercado de restaurantes nas décadas de 1920 e 1930. Desde as cantinas como a Capuano, da Rua Conselheiro Car-

rão (de 1907), o mais antigo restaurante ainda em funcionamento na cidade, as do Brás, como a Castelões (de 1924), até hoje servindo suas massas na Rua Jairo Góis, passando pelos restaurantes do centro: o Spadoni, o Telêmaco, o Palhaço (conhecido por seus polpetones) e o Carlino; a Brasserie Ferrari (especialidade, galetos), o Gigetto (hoje na Avanhandava); o Giani

(com seu famoso frango assado com jabuticaba); a Brasserie Paulista, da família Fasano), o Franciscano, o Roperto (hoje na 13 de Maio).

Guten Appetit! ■

Henrique Veltman, carioca, 73 anos, casado, jornalista, sociólogo e torcedor do América, é colaborador do Boletim ASA.

CARTAS

“Recebi o Boletim e tive o prazer de encontrar um artigo sobre o meu velho Clube de Cultura!!!! 60 anos!!! [Airan Milititsky Aguiar, ASA 123]. Meu pai foi um dos fundadores e moramos 30 anos no prédio que abrigava, no térreo, a sede do Clube. Por tudo isto, ficamos conhecidos para sempre em Porto Alegre como os “judeus roiter”...

Magale Dorfman, Rio de Janeiro, RJ

Li o artigo "Conversa ao pé da matsá" [Jacques Gruman, ASA 123] e estou enviando a minha versão sobre o Êxodo. As moradias precárias lembradas em Sucot não deixaram vestígios, mas a destruição na ilha de Thera, sim. É apenas uma hipótese, mas as datas são compatíveis.

Marília Freidenson, São Paulo, SP

Cartas para ASA: Rua São Clemente, 155, fundos - Botafogo - Rio de Janeiro/RJ - CEP 22260-001; telefax (21) 2539-7740 ou e-mail asa@asa.org.br c.c para smgruman@terra.com.br
Devem conter nome e endereço completos, telefone e assinatura. Havendo restrição de espaço, poderão ser encurtadas sem autorização dos remetentes

NOTAS

Dona Fêguele

A ASA esteve presente à homenagem a **Fany Zylbersztajn** dentro do Ciclo Imortais, no **Midrash Centro Cultural**, no dia 21 de março. Importante ativista da antiga AFIB – Associação Feminina Israelita Brasileira, atual Associação **Kinderland**, dona Fêguele, como era chamada, influenciou, com seu jeito carinhoso e disciplinado, várias gerações de colonistas. Com elevada consciência política, militou também no setor progressista judaico, onde prestou valiosa colaboração. Na homenagem, falaram seu neto, **David Zylbersztajn**, a atriz e apresentadora **Esther Jablonski** e o casseta **Marcelo Madureira**. Leia o depoimento de Marcelo Madureira para este Boletim, na página 7.

Fotos Mauro Band



A família Zylbersztajn, Noemi Acelrad, Esther Jablonski e Marcelo Madureira. Ao lado, os filhos Clara e Abrão

Teatro

O grupo de teatro da **Na'amat Pioneiras** apresentou na ASA, no dia 11 de abril, a peça **Amor de mãe nunca é demais**, dirigida por **Fernando Reski**. O texto tratou, de forma bem-humorada, das tumultuadas relações entre pais e filhos.

À venda na ASA
R\$ 15,00



Memória e Cinzas

O Holocausto é o tema central do livro **Memória e Cinzas** (Editora Perspectiva). Coordenado por **Edelyn Schweidson**, é uma coletânea de ensaios de importantes intelectuais brasileiros. No dia 18 de abril, a **ASA** promoveu um debate sobre o livro com a presença de dois dos ensaístas: o diplomata, antropólogo e filósofo **Sérgio Paulo Rouanet** e o psicanalista **Eduardo Vidal**. Edelyn Schweidson fez a abertura da mesa.



Eduardo Vidal, Edelyn Schweidson e Sérgio Paulo Rouanet

Foto Jacques Gruman



Foto Mauro Band

O ministro Paulo Vannuchi discursa observado por Jacques Gruman, Wadih Damous, presidente da OAB/RJ, e Saturnino Braga, presidente do ICG.

Direito à verdade

A **ASA** e o **Instituto Casa Grande** promoveram, no dia 27 de abril, um debate com o **ministro Paulo Vannuchi**, da **Secretaria Especial de Direitos Humanos**, sobre a criação da Comissão Nacional da Verdade, que integra o Plano Nacional de Direitos Humanos. A Comissão tratará de levantar todas as informações relativas às violações dos direitos humanos durante a ditadura militar. O evento, realizado no foyer do teatro Casa Grande, teve o apoio da **Ordem dos Advogados do Brasil – RJ**, da **Associação Brasileira de Imprensa** e do **Sindicato dos Advogados – RJ**.

Foto Sara M. Gruman



Vista parcial do público (ao fundo, o **Coral da ASA**)

Pessach

Evento destacado no calendário da **ASA**, o pré-Seder laico foi realizado no dia 28 de março. Os diretores **David Somberg** e **Jacques Gruman** leram um texto baseado na narrativa do Êxodo que incorporou elementos da tradição laica do judaísmo, enriquecendo o legado libertário do Pessach. O **Coral da ASA** participou do programa, agradando, como sempre, ao grande público, com um repertório parcialmente inédito. Depois da leitura, foi servido um jantar. O clima de acolhimento e confraternização, marca registrada do tradicional evento, foi muito elogiado.

Foto Gítel Bucaresky



Os bebês Miguel (olha pra frente, Miguel!), Ana Sofia, Ilan e Fishel no colo dos pais Marcelo Gruman, Tania Mittelman, André Bucaresky e David Somberg

Foto Sara M. Gruman



David Somberg (em 1º plano) e Jacques Gruman

ORIENTAÇÃO PARA A ECT

Endereço para devolução deste impresso: R. São Clemente, 155, fundos - Botafogo - Rio de Janeiro - RJ - CEP: 22260-001